

# A nova Berenice

## Sumário

<b>O Barril de Sereníssima</b>	2
<b>A nova Berenice</b>	9
<b>O bruxo de Copacabana</b>	12
<b>Na academia de ginástica</b>	16
<b>Bola de vidro</b>	23
<b>Teoria e preconceito</b>	27

## O Barril de Sereníssima

Podia esperar qualquer coisa de Fortunato, mas nunca aquilo. Você me conhece e sabe que, normalmente, eu não seria capaz... Mas ele foi muito persuasivo. E eu estava bêbada. O pior é que não me sinto realmente mal. Fiz apenas o que ele pediu e, quando terminei, já mais sóbria, tomei o cuidado de olhar pela janela antes de sair de sua casa. Ninguém me viu.

Ele parecia muito feliz quando nos encontramos. Estávamos em Ouro Preto, terra de sua família. A noite tinha acabado de começar, mas os blocos de Carnaval já estavam na rua (e eu com eles) desde cedo. Também fiquei feliz em vê-lo. Teria ficado feliz em ver qualquer rosto conhecido no meio daquela multidão. E, com eu disse, estava bêbada. Então o abracei com força e deixei que ele me beijasse.

Nos afastamos um pouco e ele me disse:

“Maria, você hoje está com sorte. Meus tios acabaram de me mandar um barril de Sereníssima, a cachaça da família, um barril de carvalho”, e indicou com as mãos um barril pequeno, de pouco

mais de trinta centímetros de comprimento, “cheinho”.

“Sereníssima?”

“Sereníssima! Você quer provar?”

“Quero.”

Fortunato então me tomou pelo braço e, ajeitando sua fantasia de Pierrot, seguiu por uma das descidas que se afasta da Praça Tiradentes. A propósito, eu estava de bailarina.

A casa era longe e Fortunato falava o tempo todo para me distrair. Subimos uma ladeira interminável e ele esteve a ponto de se oferecer para me levar no colo.

Finalmente chegamos. A casa estava vazia. Ou Fortunato morava sozinho ou estavam todos seguindo os blocos. O mais provável era que morasse sozinho. A casa estava em obras. Várias paredes tinham os tijolos à mostra e havia pilhas deles em toda parte, ao lado de sacos de cimento.

“Cadê a Sereníssima?”, perguntei.

“Na adega.”

“E cadê a adega?”

“No porão.”

Ele então pegou meu braço novamente e me levou até uma escada estreita que descia para o porão.

O porão, descobri espantada, era parte de uma antiga mina, com algumas paredes escavadas na pedra e outras escoradas por concreto e tijolos.

“Você tem ideia de quantos escravos morreram cavando isso aqui?”

“Não seja mórbido Fortunato, cadê a cachaça?”

“Lá no fundo, com as outras bebidas.”

Depois de virar umas duas curvas na caverna de teto baixo, chegamos a um beco escuro. Forçando a vista, vi que no fundo do beco, havia meia parede de tijolos. Fortunato então pegou uma lanterna em um canto da caverna e apontou o

facho de luz para o beco. Lá, atrás da meia parede de tijolos, estava a adega.

“Você está emparedando sua adega?”, perguntei sem entender o que aquilo significava.

“Estou.”

“Por quê?”

“Por muitos motivos. Na verdade não é só minha adega que eu quero emparedar.”

“Não?”, e nessa hora, tenho que confessar, senti um arrepio nas costas. Fortunato sempre foi um pouco estranho e, em condições normais, não é alguém com quem eu entraria em um buraco escuro em uma casa desconhecida.

“Maria, eu preciso de um favor seu.”

“Que favor?”

“Ali, perto da parede”, ele apontou o foco da lanterna, “tem tijolos, água, terra e cimento.”

“Sim...”

“Maria, eu quero que você feche essa parede para mim.” E, enquanto dizia isso, ele pulou a meia parede da adega e se sentou do lado de dentro.

“Eu?”

“É, você”

“Mas por quê? Por que você não se empareda sozinho?”

“É contra a minha religião.”

“E por que eu te emparedaria?”

“Eu te dou o barril de Sereníssima.”

Ele, então, levantou e pegou o barril no alto da estante da adega.

Depois de passar o barril por cima da meia parede ele disse: “Espera”, e andou com o facho de luz até uma espécie de arca ao lado da estante.

O facho de luz apareceu de novo e vi que Fortunato trazia dois copinhos de cachaça. Enchi os copinhos.

“À parede”, ele disse.

A essa hora eu já tremia de medo e estava completamente sóbria. “À parede”, concordei.

O que posso dizer? A cachaça era a melhor que já provei. Uma obra de arte. Precisei de mais três copos dela para poder começar o trabalho. Demorei quase duas horas para fechar a parede. Quando faltavam apenas duas fileiras de tijolo, Fortunato me interrompeu:

“Eu esqueci uma coisa.”

“O quê?”

“O gato. Eu preciso do meu gato preto.”

“Cadê ele?”

“Deve estar lá em cima, no meu quarto.”

“Eu vou buscar, não se preocupe.”

O gato veio fácil para o meu colo. Levei-o para baixo e o passei pela fresta da parede.

Antes de pôr massa entre a última fileira de tijolos e o teto baixo, ainda me estiquei para olhar uma última vez para o lado de dentro.

“Você tem certeza?”, perguntei.

“Claro.”

Então fechei a parede.

Peguei meu barril, apaguei as luzes do porão e subi para casa. Precisava lavar as mãos e limpar o suor do rosto. Olhei pela janela. Não havia ninguém na rua. Peguei meu barril e saí. Tinha ainda que passar na pousada para guardá-lo antes de voltar aos blocos.



## **A nova Berenice**

Berenice e eu somos primos e crescemos juntos na casa de meus pais. Mas, mesmo na infância, tínhamos hábitos muito diferentes. Eu, sempre doente, deitado em frente à TV. Ela, agitada, inquieta, sempre em festas e aulas de ginástica. Mas a doença, uma doença horrenda, acabou atingindo Berenice. Ah! Berenice! Era difícil acreditar. O demônio da mudança caiu sobre ela, impregnou seus desejos, seus hábitos e sua personalidade. Eu já tinha dificuldade em reconhecê-la, tão diferente a doença a deixou. Agora, era nervosa, magra – e um pouco arrogante, tenho que dizer.

Ela não comia mais. Era esse o sintoma mais óbvio. Não queria comer. E a visão de um belo pedaço de torta era suficiente para deixá-la irritada. Enquanto isso, o que me restava era continuar diante da TV. Assistia todo tipo de programa, mesmo aqueles com fofocas sobre a vida dos atores. Mas me impressionava ver Berenice cada vez mais parecida com os esqueletos de filme, os dentes agora salientes no rosto fino (ela era dentuça) e aqueles comentários bizarros:

– Acho que engordei um pouco.

– Berenice, você está muito magra, de verdade. Coma torta.

– Argh!

O estranho é que, nas épocas mais saudáveis de Berenice, eu nunca tinha lhe dado muita atenção. Podia, no máximo, a comparar a alguma personagem de seriado ou reparar no esforço que fazia para se equilibrar nos saltos de quase dez centímetros com que ia às festas. Mas nunca pensei em me aproximar mais.

No entanto, essa nova Berenice, magra e irritadiça, era incrivelmente atraente. Não pude deixar de me aproximar: convidei-a para ver alguma sequência de filme de terror no cinema. Mas ela não reagiu bem:

– Não. Gordo.

O ‘não’ de Berenice me deixou um pouco aturdido. Na verdade aturdido a ponto de não conseguir mais ver TV. Ficava então estendido no velho *puff* da sala, vendo Berenice entrar e sair de casa com suas roupas justas – que realçavam a magreza – e pensando em consultar um analista.

Pensei também em insistir, em convidá-la para jantar, mas sabia que ela diria não.

Finalmente – alguma hora aconteceria – Berenice foi internada. Ela desmaiou em uma festa e foi parar em um hospital. Os médicos disseram que ela não tinha condições de ter alta e ela quase os atacou quando contaram que tinham dado glicose para acordá-la.

Fui visitá-la. Na sala de espera do hospital, uma TV passava desenhos animados, o que me distraiu por um bom tempo. Quando finalmente pude entrar, encontrei Berenice bebendo uma daquelas sopas sem graça de hospital (segundo ela, muito doce). Disse então que ela devia usar mais os dentes e lhe entreguei a pequena caixa com meu presente.

Ela pegou a pequena caixa e a pôs na mesa ao lado da cama. Me despedi e a deixei para abrir sozinha o pacote. Na caixa, um cordão prateado tinha como pingente um dente incisivo. Cheguei a pensar numa caveirinha, mas era meio mórbido naquelas circunstâncias. O dente era mais discreto.

## O bruxo de Copacabana

Magro, barbudo e “canino”, tinha olhos de cachorro faminto. Andava de vitrine em vitrine olhando preços e produtos, olhando o rosto das vendedoras e a decoração das lojas. E comparava todas essas coisas para tentar entender o entra e sai de gente, para tentar entender o que queriam todas aquelas pessoas andando todos os dias na Av. Nossa Senhora de Copacabana.

Seu nome era Gervásio. A lenda sobre ele era que tinha sido dono de uma rede de lojas. Faliu. Faliu, foi abandonado pela esposa, perdeu o cachorro e o apartamento (no processo de separação).

Gervásio tinha dívidas – que nunca ia pagar. Falência é isso, é ter mais dívida que dinheiro em caixa (e ter a dívida cobrada).

Tinha sido um bom vendedor quando era novo. Tão bom que conseguiu abrir sua própria loja – e depois uma filial e depois mais uma. Mas aí já não vendia mais, apenas administrava.

É difícil saber se a culpa foi dele. Conversei uma vez com uma ex-vendedora de uma de suas

lojas. Ela tinha pena dele: tinha falido na época do Plano Collor. Conseguiu pagar os adicionais de dispensa dos funcionários, mas ficou devendo a credores e fornecedores – que tomaram tudo que puderam dos ativos da rede.

A ex-funcionária disse que ele recebia aposentadoria, provavelmente de um salário mínimo. “Ele já tem idade para receber”, disse.

“Como ele era, na época da loja?”

“Muito agitado, sempre remarcando preços e pensando em promoções para anunciar na vitrine. Tinha inflação naquela época. Era mais difícil.”

As histórias que ouvi são de que ele tinha ganhado dinheiro por isso, por saber o preço de tudo. Mesmo com a inflação de 20% ao mês, sabia quanto cobrar e por quanto comprar.

Estranho pensar naquele sujeito alto, magro e mal vestido – com jeito de monge ou de bruxo – como um comerciante dos tempos da inflação.

Uma vez o vi em Ipanema. Ele olhava uma vitrine de livraria e tinha um sorriso um pouco

estranho. Parei ao seu lado em frente à vitrine. Ele falou comigo:

“Elas cobram o mesmo preço. Você sabe.”

“Sim. Todas elas. Sempre o mesmo preço.”

Pensei em falar alguma coisa sobre cartéis mas, quando me virei para o lado, ele tinha sumido. Não vi para onde foi.

Um amigo me disse que o viu em Benfica, nas lojas de lustres. Gervásio examinava lustre por lustre, horas a fio.

Era, de algum jeito, um personagem folclórico, principalmente em Copacabana, onde passava a maior parte do tempo.

Um jornal de bairro publicou um “perfil do consumidor” com ele uns três anos atrás, uma matéria curta e meio mal feita. O texto dizia que Gervásio era “o homem dos preços” e trazia recomendações sobre onde comprar o quê. Eram coisas práticas como “no lugar X é mais barato, mas só se você for comprar muito, senão, não vale a passagem.”

Das histórias que ouvi, a mais estranha – e da qual não duvido – era que o diretor geral de uma rede varejista vinha ao Rio com frequência se consultar com ele.

“Você acha que vender por X está caro?”, perguntaria o sujeito, conferindo uma longa lista de produtos.

Eu, que não sei avaliar preço de aluguel nem de geladeira, talvez precisasse de consultas também. Parece que ele cobrava por elas. Mas devia cobrar o preço certo.

De qualquer jeito, agora é tarde. Acabo de ler no jornal o obituário de Gervásio. Ele não deixou bens. Morava em um apartamento alugado, em Copacabana.

Tinha algumas economias e – sim – um testamento. Nele, entre outras coisas, pedia para ser cremado – pois o preço dos jazigos estava muito acima do razoável.

## Na academia de ginástica

– É um aparelho singular – disse a professora à visitante e contemplou, com alguma admiração, o aparelho que conhecia tão bem. A visitante parecia ter aceitado apenas por cortesia o convite da recepcionista para assistir a aula de uma aluna pálida com sua *personal trainer*. Na academia, isso era normal e alguns desses professores ficavam ao lado de seus alunos particulares corrigindo suas posturas ou dizendo palavras de estímulo quando estavam no fim de alguma série mais pesada de exercícios.

Ao lado da máquina estavam apenas a visitante, a professora e a aluna – uma mulher de boca grande e aspecto estúpido com cabelo e rosto muito bem cuidados. A aluna sentou-se em um assento de borracha com encosto alto. As mãos seguravam pinos de ferro e os braços, bem abertos, se apoiavam em bases também emborrachadas, na altura do rosto.

– Vamos começar com dez repetições, 40 quilos – disse a professora, explicando à visitante que músculos o “voador” deveria reforçar.



Os ferros emborrachados em que a aluna apoiava os braços estavam presos por cabos de aço aos pesos atrás dela. E os pesos subiam e desciam, fazendo um ruído discreto à medida que a aluna trazia os braços para frente do corpo. Ela tinha um aspecto tão caninamente submisso que, se a tivessem mandado levantar caminhões em frente à academia, não teria protestado.

A visitante não se interessava muito por ela ou pela máquina e ajeitava o cabelo no grande espelho da academia com um ar indiferente.

– Não quer sentar? – perguntou a professora, apontando para uma espécie de banco emborrachado ao lado da máquina.

– Obrigada.

– Se você se inscrever, vai ter que passar por um exame médico, aquela coisa de sempre: peso, altura, fôlego, percentual de gordura no corpo...

A visitante, já sentada, olhou para a própria barriga, refletida no espelho.

– É um julgamento sumário – continuou a professora, olhando para a barriga da visitante – sem direito a defesa.

– Isso é injusto – disse a visitante em tom de brincadeira.

– O mundo é injusto – rebateu a professora.

A aluna fez mais duas séries de exercícios, a última acompanhada de caretas e pequenos grunhidos de esforço.

– Muito bom – cumprimentou-a a *personal trainer*. – Agora vamos para o *Leg-press*.

Pararam em frente a outro aparelho. Esse parecia mais simples: tinha também uma cadeira emborrachada, mas esta era inclinada: 45 graus. A parte das pernas ficava virada para cima, ligada a um trilho por onde corria uma espécie de carrinho. No carrinho eram postos grandes pesos redondos, de 20 quilos cada um. Os pés da aluna, que tinha as pernas esticadas, se encostaram à base do carro. Então, depois que a professora prendeu o quinto disco de peso, a aluna soltou as travas de ferro e deixou que o peso viesse inteiro sobre suas pernas. Ela ficava assim “prensada” entre o encosto do

banco e o plano inclinado cheio de pesos. Dobrou então as pernas e depois as esticou de novo, a princípio, sem muito esforço. Repetiu o movimento de novo e mais uma vez. Na sétima repetição os músculos de seu rosto já estavam contraídos e a professora teve que animá-la:

– Só faltam três, vamos lá!

Na décima repetição, a aluna bufava e a professora tratou de ajuda-la a travar novamente o carro no alto dos trilhos.

– Isso não está muito pesado? – perguntou a visitante, pela primeira vez se dirigindo à aluna.

– Não – respondeu a aluna, se recompondo – eu aguento.

– Vamos fazer um pouco de supino – disse a *personal*.

As três então atravessaram o salão de ginástica. A visitante, logo atrás da aluna, reparou que ela não parava de olhar as próprias pernas no grande espelho do salão. Notou também que ela tinha começado a balançar um pouco a cabeça, de um jeito ritmado. As caixas de som da academia

estavam ligadas e uma música de ritmo quebrado e pouca harmonia começava a tomar conta do ambiente.

Professora e aluna se aproximam do supino – que a visitante já conhecia mas ainda não tinha ligado ao nome. O supino é uma barra de ferro com rodas de peso presas às pontas. Quem o usa se deita em uma pequena cama emborrachada. O peso fica apoiado em duas bases de ferro sobre a cama. O fisiculturista então desencaixa o peso das bases de ferro e dobra os braços permitindo que o peso se aproxime mais do tórax. Depois estica os braços – empurrando os pesos para o alto – e os dobra novamente.

– Da ultima vez você achou os pesos leves – disse a professora.

– É – concordou a aluna.

– Vamos pôr mais dois quilos de cada lado.

Enquanto as duas punham as rodas de ferro na barra, a visitante observa as pessoas que corriam em esteiras rolantes. Elas suavam na grande sala ar-condicionada e pareciam tentar entender o que se passava nas TVs sem som presas ao teto, em frente

às esteiras. Um pouco à frente das esteiras, ficavam as bicicletas ergométricas. Em uma delas, um senhor gordo de camiseta parecia exausto e prestes a se desmanchar em uma grande poça de suor. Mas, mesmo exausto, ele parecia feliz em olhar a própria imagem encharcada no reflexo do espelho.

– Só mais uma – disse a *personal trainer* ao lado da visitante.

Só então ela se deu conta de que a aluna já estava no fim de uma série no supino reto. Seus braços tremiam um pouco e a professora, que estava de pé logo atrás de sua cabeça, a ajudou a empurrar a barra para cima com os dedos médio e indicador das duas mãos. O apoio era mais psicológico que físico. A visitante reparou que os braços da aluna, embora não muito grossos, estavam inchados, saltando por baixo da pele magra e pálida.

– Foi! – disse a professora. – Daqui a pouco nós voltamos para cá. Vamos alternar com algum exercício para as pernas.

A máquina seguinte era uma versão para pernas do “voador” – por onde a aluna já tinha passado. Ela se sentou com as pernas abertas e

apoiadas em duas bases emborrachadas que escoraram suas batatas da perna por dentro até a altura dos joelhos. Juntando as pernas na frente do corpo, ela acionou os cabos de aço que suspenderam os pesos ao seu lado. Depois da oitava repetição, a aluna se rendeu:

– Está muito pesado. Eu não consigo.

– Descansa um pouco – disse a professora, que, em seguida, virou-se para a visitante. – Você não quer tentar?

– Eu?

– Eu ponho pouco peso. É bom para você ter uma ideia melhor de como funciona.

A visitante então se sentou à máquina e prendeu as pernas às bases de borracha.

– Agora é só juntá-las bem devagar, isso. Agora afaste, bem devagar também. Ótimo. De novo. São dez.

## **Bola de vidro**

Controlar a variância. Era isso. Parecia até simples. Um mundo sem oscilações, sem altos e baixos: linear, estável, previsível (em alguma medida), sem sobressaltos ou catástrofes, sem emoções fortes.

Controlar a variância não quer dizer acabar com ela. Os dias continuariam diferentes uns dos outros. Mas saberíamos o que causa as diferenças – e já estaríamos prontos para os pontos fora da curva – e para os abaixo da média.

Esse delírio estatístico, esse surto controlador, era a grande meta de Renata.

Economista – e muito cartesiana – ela vivia num mundo cheio de causas e efeitos, num mundo mecânico, mas com alguns problemas.

E eram esses problemas, esse ingrediente imprevisível, que ela queria controlar.

No começo não era nada demais: modelos de previsão de inflação, de previsão do tempo, de previsão dos humores de sua irmã.

Os humores, é preciso dizer, eram explicados pelo calendário, pela proximidade de provas na faculdade e, sim, pelos dias da semana.

Os dias da semana – Renata logo descobriu – eram uma *proxy* para desilusões amorosas após festas de sábado. Domingo e segunda-feira eram os dias mais tristes.

Renata chegou a achar uma correlação entre o mau humor de sua irmã e as cores das roupas que usava. Mas sentiu cheiro de causalidade reversa e tirou as roupas do modelo.

De qualquer jeito, era pouco. Eram poucas as coisas que podia prever com alguma segurança. E isso tirava seu sono em média três vezes por semana (com mais frequência nas sextas e sábados).

Arrumou um emprego no mercado financeiro, onde a mandavam ficar obsessivamente estimando o preço futuro do petróleo e do suco de laranja. Trabalhava mais de 15 horas por dia – o que a levou a prever que teria estafa em seis meses.



Errou por cinco meses e teve a crise em seu segundo dia de férias – depois de 11 meses de trabalho.

Depois de receber o bônus de fim de ano, largou o banco e decidiu voltar à universidade – para refinar seus modelos com mais cuidado. Nos bancos, a pressa é, quase sempre, um limitador da qualidade. Teve três matérias com um professor de estatística detestável. Renata previu que o mandaria à merda antes do fim da primeira matéria obrigatória, previsão que errou. Ela era educada demais para isso.

Antônio, o professor, era um empírico anti-cartesiano fundamentalista. Achava todas as ideias de Renata uma bobagem – e garantia: “Isso aqui é o caos!” E se, por qualquer motivo, o mundo real parecesse muito ordenado em algum momento, era porque ela não estava olhando direito.

“Então o que é que eu faço?!”, perguntava, muito objetivamente, Renata.

“Faz aí as suas previsõezinhas. Mas prevê sabendo que vai dar errado.”

A tese de fim de curso de Renata foi um modelo para prever crises econômicas, coisa sem muitas referências na literatura acadêmica.

“Comecei quase do zero”, escreveu em um dos muitos artigos que acabou publicando sobre o tema.

O modelo – que associava coisas como a cotação do petróleo, a inflação ao consumidor e uma variável cíclica modelada como uma senoide – não conseguiu prever nenhuma crise econômica.

Mas Renata previu, corretamente, que os acadêmicos iriam gostar dele, que iriam publicar seus artigos e lhe arrumariam um emprego estável e previsível como professora universitária.

Afinal, alguma variância ainda se pode controlar.

## Teoria e preconceito

Seu primeiro dia de aula foi uma decepção. Filósofos, matemáticos, bravateiros, aprendizes de Cyrano de Bergerac: os economistas não eram nada disso. No primeiro dia, eram um bando de bêbados. E deram um trote longo – e bem sucedido – naqueles calouros ingênuos.

Lembro da cara de decepção de Homero: os olhos arregalados por trás dos óculos redondos. Veteranos bêbados dizem a verdade. E ele a ouvia, embasbacado, como se nunca tivesse imaginado que os discursos de seus heróis de artigo de jornal pudessem ser desmanchados com tanta falta de delicadeza.

Ele não deve se lembrar – mas eu me lembro – que, já na hora de ser pintado a guache, ele estava ao lado de Diógenes, seu amigo sarcástico. E foi Manuela quem os pintou de azul, como dois smurfs perdidos no Rio de Janeiro.

As pessoas se inscrevem em cursos de economia como se estivessem entrando em cursos de filosofia, como se fossem entender a lógica do mundo – ou, pelo menos, aprender a ganhar dinheiro.

Mas isso não é verdade. É um mundo pós-moderno. Górgias é rei e vale o escrito: o que quer que qualquer um tenha escrito.

Nosso curso é um dos mais prestigiosos da cidade. O único que tem representantes de todas as escolas de pensamento econômico. (Pensamento econômico é uma expressão que nunca entendi. Por mim, chamariam de pensamento farto).

A faculdade tem financiadores: empresas que bancam os altos salários de seus acadêmicos pop e que fazem questão de ter os mais conhecidos de cada escola de pensamento brasileira. O dinheiro, é claro, é abatido do Imposto de Renda – graças a uma variante recente da lei de incentivo à cultura.

Logo que chegam, os calouros são distribuídos por quatro casas, ou escolas. A primeira delas é a falsokeynesiana. Ao longo das décadas, os falsokeynesianos se especializaram em encontrar justificativas para o governo transferir dinheiro (ou crédito barato) para grandes empresas privadas. Usar o nome de Maynard Keynes os faz parecer legítimos – mas é só questão de aparência.

Quando fiz minha matrícula, mais de um ano atrás, tive medo de virar uma falsokeynesiana.

Se fosse para subsidiar fábricas de chocolate ou pequenos produtores de doce de leite (eles nunca fazem isso) talvez eu não me importasse. Mas dar dinheiro público para abatedouros e empresas de petróleo não me traria nenhuma felicidade.

Homero e Diógenes foram coloridos por uma pseudoliberal. Manuela é uma das dedicadas aprendizes de economista que se esforçam para explicar que o Estado não deve fazer nada: nem serviços nem impostos. Tinha aprendido isso em casa e, por sorte, não caiu no bando dos defensores do crédito direcionado.

Para ela, o mercado é uma selva – e é preciso saber se defender. No mercado de homens, em especial, se defender significa duas horas diárias de aeróbica, dieta, maquiagem de luxo e roupas de grife. Críticas duras a todas as outras mulheres (gordas, desarrumadas, desesperadas e claramente insanas) são parte do pacote. Guerra é guerra.

A terceira escola é a dos marxianos. Sua meta é produzir publicidade: frases de efeito

eficientes (com ou sem conteúdo). O objetivo das frases é, geralmente, beneficiar uma pessoa ou grupo político. Muitos marxianos vão parar no governo – para onde são indicados apenas para parar de fazer barulho.

Um economista francês já acusou os marxianos de preguiça intelectual, de terem parado no século XIX. Sou suspeita para comentar: gosto de economistas franceses.

Para o público externo, os marxianos se orgulham de lutar pelo melhor para a humanidade: pela igualdade entre os homens (mesmo que, para chegar lá, seja preciso matar todos eles).

Mas, antes que me acusem de falta de sinceridade, é melhor dizer logo: das quatro escolas, a minha é a de Marte.

Homero e Diógenes caíram na quarta escola: a dos econometricistas. Os econometricistas são aqueles economistas que usam ferramentas matemáticas sofisticadas de forma incrivelmente tosca – chegando a conclusões contraditórias e, no fim das contas, sem fundamento.

Eles criam exemplos hipotéticos super coerentes – mas que não têm nada a ver com o mundo real – e procuram algum exemplo numérico que mais ou menos se ajuste a suas teorias.

Os econometricistas desprezam os marxianos que, por sua vez, odeiam os pseudoliberais.

Os pseudoliberais acusam os falsokeynesianos de serem uma fraude, enquanto os falsokeynesianos fazem caretas para os econometricistas - e dizem que ganharão mais do que eles (no Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico).

Mas tudo isso é só durante o dia. Depois da última aula, eles vão juntos para o bar – onde se transformam em bêbados amistosos.

Já no dia do trote, Homero reparou (e comentou comigo, o mané) que a proporção de mulheres nas turmas é baixa. Menos de 30% dos alunos são mulheres. Segundo Diógenes, o perfil das alunas é muito afetado por sua escola de pensamento, principalmente nas turmas mais antigas:

As falsokeynesianas são espalhafatosas. São seguras e fazem afirmações categóricas apoiadas em textos obscuros de autores neo-qualquer-coisa. Dos quatro grupos, são as que mais gastam – e mais ostentam os gastos. De um modo geral, só saem com falsokeynesianos.

As pseudoliberais são mais discretas – embora também dirijam carros de luxo e carreguem bolsas de grifes francesas. São, quase sempre, conservadoras disfarçadas. Longe de quererem namorar, querem encontrar um agente gerador de filhos. Saem com atletas e estudantes de engenharia.

As marxianas são – somos – as mais estridentes (achei essa descrição um pouco exagerada). Diógenes me perguntou se ensaiávamos o tom recitando peças de propaganda política do século XIX...

O quarto grupo, o das econometricistas, é de *nerds* que – diferentemente dos grupos anteriores – não se preocupam demais com a aparência. Se as falsokeynesianas tendem a pintar o cabelo, as econometricistas nem o penteiam.



Voltando a Homero, ele pode ser classificado como um bom aluno. Lê, estuda e se esforça para acreditar que tudo aquilo – em algum momento – fará sentido. Mas, se levasse os veteranos bêbados mais a sério, já teria entendido que a economia é só um ajuntamento de teses desconstruídas (mal) construídas a partir de um (bom) livro do século XVIII. O livro – recomendei e ele leu – foi escrito por um escocês revoltado que nós, seus sábios veteranos, chamamos de Adão: o pai de todos.

Clássicos são livros que todo mundo cita – e ninguém mais lê. A Riqueza das Nações é um clássico. E está tudo lá: os economistas foram muito pouco criativos nos últimos 240 anos.

Homero leu o livro logo no primeiro período. O curso, então, tem tido poucas novidades para ele. Um pouco de matemática (newtoniana), mas nada que já não fosse mais ou menos conhecido nos tempos de Adão.

As contas são feitas em computadores novíssimos, mas não vão além das derivadas de Newton ou das regressões de R.A. Fisher. As regressões ainda têm, quase sempre, problemas de agregação de dados e hipóteses estranhas, como a de que o efeito de um aumento de 1% na renda é

igual ao de uma queda de 1%, mas com o sinal contrário. Sabemos que ganhar mais dinheiro é completamente diferente de ver sua renda diminuir. Mais fazemos as regressões assim mesmo.

Enquanto a minoria feminina na faculdade pode ser dividida de acordo com suas escolas de pensamento, a maioria masculina parece mais fiel às origens ou – pelo menos – essa é minha tese. Há herdeiros, bolsistas, futuros burocratas (classe média) e perdidos.

Os herdeiros têm poucas preocupações: estudam pouco e falam, basicamente, sobre festas, dietas e ginástica. Os mais atléticos saem com as pseudoliberais.

Os bolsistas são os que mais correm atrás da matéria: são, em quase tudo, o oposto dos herdeiros. Em geral magros (não têm tempo para levantar pesos) têm olheiras e jeito preocupado. Levam a sério a bruxaria econômica e sabem que ela pode ser uma espécie de passaporte para a prosperidade. Muitos acabam fazendo mestrado (com bolsa de estudos) e encontram bons empregos depois. Diógenes, o calouro cínico, era um deles.

Os futuros burocratas vêm de boas escolas de segundo grau. Eles fazem escolhas de baixo risco e estão no meio do caminho entre a insônia dos bolsistas e a tranquilidade bovina dos herdeiros. Quando conseguem namorar alguém do próprio curso, é uma marxiana.

Os perdidos seriam os “outros” de qualquer classificação bem organizada. São o grupo mais eclético. Parecem entender que a economia nunca vai ser uma ciência ou um tipo coerente de filosofia mas, mesmo assim, continuam indo às aulas. Estranhamente, os perdidos são o grupo que parece ter mais noção de onde está.

Alguns perdidos namoram as econometricistas de cabelo desgrenhado. Feliz ou infelizmente, Homero não é um deles. Têm insônia. Escreve e-mails de madrugada para seus amigos bolsistas insones. Fica noites adentro pensando nos destinos do mundo (ou, pelo menos, diz que faz isso) e reclama de como nenhuma das teorias que estuda todos os dias o ajuda a arrumar uma namorada. Enfim: um perdido (e também um cego).

Suas crises são frequentes. Quando resolveu ler o primeiro livro de Adão, Teoria dos sentimentos morais, se viu diante de um dilema: estava

obsecado por minha amiga Maunela, uma pseudoliberal *diet* que nunca lhe deu atenção. Adão Smith, o pai de todos, veio em seu socorro, mas de um jeito estranho.

A Teoria dos sentimentos morais tem um capítulo sobre a influência dos costumes e da moda sobre nossas noções de beleza e deformidade. Nessa obra de arte, Smith não se acanha em defender as gordinhas e “*the beautiful roundness of their natural shape*”, como Homero passou a citar (em inglês ruim e afetado) em suas discussões:

- Ele disse isso porque era contra o espartilho – reclamou Diógenes.

- *The beautiful roundness of their natural shape* – repetiu Homero (e, nessa hora, eu sorri para ele, mas ele não sorriu de volta).

- E você concorda? – perguntou Diógenes.

- Não sei. Mas ele, pelo menos, tem uma teoria que explica por que as magras demais não são bonitas.

- E você concorda?

- Eh...

- Você está pensando em um caso específico.

- É.

- Nomes, senhor Homero.

Manuela estava longe de considerar Homero como uma opção. Ele não era um halterofilista, nem um engenheiro, nem alguém com quem conseguisse ter uma boa conversa sobre festas e indiscrições de estudantes bêbados. De acordo com as categorias de classificação adotadas por Manú, Homero era chato – e isso reduzia suas chances de sucesso a menos que zero.

Ele devia ficar feliz com o trecho de Smith. Nosso ídolo oferecia uma saída honrosa para sua obsessão. As *diet*-anoréxicas, no fim das contas, não se encaixavam na parte “beleza” do capítulo de Smith. Homero faria bem em arrumar outra obsessão para substituir aquela – e era Smith quem dizia isso.

Mas ninguém escolhe as próprias obsessões. E não basta saber que uma política é melhor para conseguir segui-la.

Se pudesse escolher entre as escassas mulheres do curso, tenho certeza de que ele escolheria uma das esquerdistas radicais – que, pelo menos, são sinceras e passionais nas suas escolhas. Mas, até comigo, ele só falava sobre minha amiga conservadora.

Isso, é claro, significava apenas sofrimento.

No segundo período ele se inscreveu em uma matéria eletiva em nossa turma – para ter mais sobre o que falar com ela.

Não adiantou. Ela não lhe dava espaço para mais do que uma conversa sobre o dever de casa (quando ela tinha alguma dúvida).

- O que seu guru diria? – perguntou Diógenes, quando Homero foi reclamar da vida conosco.

- Smith nunca se casou.

- Solteiro e sem filhos. Não à toa ele escreveu aqueles tijolos.

- Smith era melhor do que esses sujeitos que vieram depois. Ele queria entender as preferências, saber o porquê dos gostos.

- E você já parou para se perguntar o porquê do seu?

- Moda e costume, acho – respondeu Homero.

- Como assim?

- Estou repetindo o Smith, a explicação para por que os homens achavam bonitas as mulheres de espartilho.

- Tente conversar com ela por duas horas. Depois pense em como seria expandir isso por muitos dias, ou semanas, ou meses.

- ?

- Você tem informação suficiente para saber que gosta dela?

- Tem que ter muita informação?

- Para baixar um filme pirata na internet você precisa de mais informação do que você tem sobre a Manuela. Pergunta para a Pati.

Sacudi a cabeça sem dizer nada.

- Você acha que, se eu souber mais, vou deixar de gostar dela? – perguntou Homero.

- Poucas pessoas parecem melhores vistas de perto.

- Mas poucas pessoas conhecem bem as pessoas com quem estão começando a sair.

- Por isso, quase sempre, dá errado. Além do mais, você sabe como é possível que uma patricinha anoréxica como a Manú esteja solteira há tanto tempo?

- Isso é injusto. Eu estou solteiro há muito tempo.

- Mas aqui há mais de 2,7 homens para cada mulher e você não é uma patricinha de academia.



- Qual a sua explicação?

- Ela vai chutar qualquer um que seja diferente dela, que não passe a vida entre festas, dieta e ginástica. Pergunta pra Patrícia.

Levantei os ombros e Homero voltou a defender Manuela:

- Você está especulando. Não tem como ter certeza disso.

- Isso vale para quase todos os amigos dela... menos a Patrícia. E, sim, é verdade: não tenho como saber se ela é muito diferente deles.

- Você então a discrimina por uma categoria, a põe no bolo.

- Por um problema de informação assimétrica.

- Informação assimétrica explicaria por que ela ainda está solteira: as pessoas a avaliam pelo grupo em que está – porque não têm como saber bem como ela é ou o que pensa.

- Mas há hordas de homens querendo sair com ela.

-Eh...

- Homero, você está confundindo oferta com demanda. Ela realmente está te deixando confuso.

- É.

Os dois então se despediram de mim e entraram na sala de métodos envoltórios de análise de dados. Lá, um professor de voz grave e terno preto apontava um pilot azul para o quadro branco e dizia, em inglês mesmo, encarando uma matriz com dados de consumo:

*- Reveal your preferences!*

Diferente da química ou do direito, na economia o latim nunca foi além de uma ou duas expressões. Os chavões e palavras mágicas foram mantidos no idioma de Smith.

=====

A futurologia ponderada, o estudo de bolas de cristal e o jogo de búzios são disciplinas básicas

da bruxaria econômica. Todo iniciado tem um “cenário” que envolve o futuro das taxas de câmbio e juros, além de previsões para a inflação e para o crescimento da economia.

Mas todo adolescente, cedo ou tarde, descobre que não consegue prever nem as próprias reações. O “conhece-te a ti mesmo” – clássico do oráculo grego – ainda é um objetivo distante. Conhecer os ouros então...

Pelo que Homero dizia, o irritante para ele era sua amada preferir nada a ele: preferir ficar solteira a namorá-lo. Se ela namorasse outra pessoa, ele não se incomodaria tanto.

Sempre achei essa ideia tosca. Por isso não fiquei surpresa ao ver sua reação quando soube que ela tinha começado a namorar um herdeiro falsokeynesiano. Homero ficou simplesmente arrasado. Quase fiquei com pena.

- Era previsível – disse Diógenes – cedo ou tarde iria acontecer. Você devia estar pronto para isso.

- Eu sei, eu sei.

O curioso é que a decepção tornou Homero mais sociável. Além de ficar lendo clássicos e vendo filmes B obscuros de madrugada, ele passou a beber até cair com seus amigos e, em especial, com seu crítico favorito, Diógenes (que nunca o criticou pelo excesso de álcool).

No dia seguinte a uma dessas noites de anestesia alcoólica, encontrei os dois no café da faculdade – cada um com um grande copo de café e olheiras. Quando cheguei, eles discutiam os efeitos do vício (em café).

O café realmente cria dependência. Mas, como não piora os reflexos nem aumenta a sinceridade de quem o bebe, é liberado até por evangélicos convictos e radicais islâmicos.

- Se nem eles proibiram, deve ter alguma coisa errada – começou Homero.

- É isso: é o vício – disse Diógenes, bebendo mais um gole – são nações inteiras de viciados, prontos para surtar se o fornecimento de café for interrompido.

- Se fecharmos os portos, então...

- Eles vão tomar café colombiano, mais caro mas, provavelmente, melhor.

- Para os viciados, qualquer café é café.

- E a cura para o vício, se você quiser curá-lo, é a abstinência.

- Pelo menos no caso do café.

- A distância, em outros casos.

- Dois séculos empilhando teorias econômicas e isso é o melhor que você tem para me dizer?

- Smith nunca se casou.

- E a economia avançou pouco desde Smith.

- Keynes inventou algumas coisas – e se casou.

- Mas foi um casamento estranho. Ele era gay e casou com uma bailarina russa.

- Não tem milagre. O melhor que posso te recomendar é a distância – repetiu Diógenes,

enquanto eu trazia uma porção de mini-croissants.  
– A economia ainda está longe de resolver esses problemas.

- Ela tentou? – perguntei, sentando ao lado deles.

- Sim. Alguns sujeitos já se perguntaram por que gostavam de mulheres de espartilho.

- Quem? – perguntou Homero.

- Veblen.

- ?

- Thorstein Veblen: um quase eremita meio nórdico que dava aula em Chicago no começo do século passado. Ele pegou o parágrafo do Smith sobre espartilhos e mulheres chinesas com pés espremidos e ficou especulando sobre por que as pessoas pareciam gostar disso.

- E qual foi a conclusão? – perguntou Homero.

- É puro desperdício de recursos. E as pessoas gostam porque desperdiçar, ostentar o

desperdício, dá uma impressão de riqueza. O desperdício é um símbolo de status.

- Então, eu estou babando pela Manuela porque ela é um símbolo de status?

- Você está babando porque todo mundo baba. E todo mundo começou a babar por esse tipo de anoréxica com nariz (e não só nariz) empinado porque ela desperdiça seu tempo em aulas de *spinning* e seu dinheiro em roupas de grife. Ela é um símbolo de status ambulante.

- A primeira parte, a parte do eu gostar porque todo mundo gosta...

- Isso está no Smith: a influência do costume e da moda sobre nossa noção de beleza e deformidade. Ele escreveu um capítulo inteiro sobre isso.

- Mas isso não bate muito com o que aconteceu, quer dizer, há outras anoréxicas que, realmente, não me interessam.

- Então, talvez possamos adotar a tese do Dr. Lecter. É cobiça. Você cobiça, Homero.

- ?

- O que nós cobizamos?

- ?

- O que está perto de nós.

- Esse Lecter, ele fez centenas de regressões para testar isso, né?

- Milhares.

- Então tudo bem – disse Homero, enquanto eu chegava discretamente mais perto dele.